

Sarney quer deixar ESTADO DE SÃO PAULO governo pela frente

28 DEZ 1988

ARIOSTO TEIXEIRA

Brasília — Um amigo do presidente José Sarney anotou que ele parecia um colegial, de tão alegre, ao embarcar para São Luís em férias. Dias antes, o presidente fizera a esse amigo uma confidência sombria: "Prefiro morrer a sair do governo pela porta dos fundos, como o presidente João Figueiredo". O amigo do presidente juntou a avaliação do estado de espírito a esse desabafo para concluir que algo de consistente está para ser feito pelo governo de forma a permitir que Sarney possa entregar o cargo ao sucessor com o País economicamente arrumado e estável do ponto de vista político.

Os ministros e assessores mais íntimos do Palácio do Planalto dizem ter notado as primeiras mudanças no comportamento do presidente nas solenidades militares de fim de ano. No dia 9, em Pirassununga (SP), quando um oficial da Academia da Força Aérea (AFA) lhe pediu permissão para iniciar a formatura, Sarney respondeu gritando, como se fosse um general: "Permissão concedida". O tom de voz de Sarney, alguns registros acima do normal, foi percebido e se tornou assunto nas rodas palacianas.

"O desejo do presidente é concluir o seu mandato com o País melhor", afirma o ministro dos Transportes, José Reinaldo Tavares. "A prioridade dele não é a sucessão presidencial", acrescenta o ministro, "e sim o combate à inflação". José Reinaldo, além de amigo pessoal de Sarney, desfruta da intimidade dos ministros Leônidas Pires Gonçalves, do Exército, Ivan de Souza Mendes, do SNI, e Rubem Bayma Denys, do Gabinete Militar. Os três têm garantido ao presidente respaldo para medidas duras capazes de reverter a tendência de hiperinflação na economia.

MÃOS LIVRES

Em duas ocasiões Sarney estabeleceu a conduta que terá oficialmente em 1989 no processo sucessório. Ele disse primeiro que não havia escolhido um candidato e que provavelmente não teria um. No dia seguinte ele completou a notícia afirmando que depois de passar a faixa presidencial não será candidato a cargo eletivo. A leitura das duas entrevistas, uma no Palácio do Planalto e a outra na Câmara Municipal de Luziânia (GO), feita por seus assessores, os leva a concluir que: 1) não tendo candidato declarado, o

presidente estará livre das cobranças e compromissos de ajuda; 2) não sendo candidato a nada, Sarney estará livre para executar um novo plano de estabilização econômica, ainda que o impacto inicial da decisão o torne mais impopular.

O ministro da Agricultura e interino das Minas e Energia, Íris Resende, afirma com realismo que o presidente José Sarney ainda não está, de fato, pensando em candidaturas "porque ele acha que é cedo para isso". Assim como Sarney, Íris Resende acredita que a campanha presidencial começará a decolar a partir de maio, com as convenções partidárias. Até lá, na opinião do ministro, o quadro nacional será outro. "O presidente não tem, mas terá candidato", diz Íris Resende.

IMPACTO

O ministro Íris Resende diz ter uma certeza: a de que o poder, em qualquer circunstância, se usado eficientemente, sempre pode influir no resultado eleitoral. "É claro", Íris Resende observa, "que com a economia estabilizada, e a inflação em declínio, essa influência se amplia em progressão geométrica". O ministro ainda acrescenta: "O presidente Sarney prepara medidas que vão surpreender muita gente, e a sociedade precisará entender que tudo será feito pelo bem do Brasil".

Sarney tem dito na intimidade que não se esperem dele concessões ao populismo no final do governo. O primeiro sinal de que manterá esse princípio ele deu ao vetar o aumento do salário mínimo votado pelo Congresso. Quando voltar de São Luís, o presidente tem um cronograma difícil de cumprir, que começa pelo enxugamento da máquina estatal, a adoção de medidas capazes de derrubar a inflação e, a parte mais amena, a inauguração no final de janeiro dos primeiros 107 quilômetros da ferrovia Norte-Sul, uma obra devida fundamentalmente a sua teimosia.

Quando o Carnaval chegar, Sarney quer ter transformado o quadro administrativo, político e econômico do País em tal medida que o governo já teria dado os primeiros passos na recuperação da credibilidade. Desse quadro, entretanto, o que mais interessa ao presidente, segundo aquele amigo a quem disse preferir a morte a sair impopular do governo, é recuperar a confiança da população e, sobretudo, poder passar de cabeça erguida a faixa presidencial.